

FONTES, Camila. **Ensaio Sobre Letras – Primeira escuta-escrita sobre o Boi Bufo**. Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Mestrado. Orientadora: Raquel Scotti Hirson.

RESUMO

Este texto é um primeiro experimento de escrita da cena “*boi bufo*”, um fragmento que compõe o espetáculo “Sobre letras e gritos para Salvar o mundo, uma homenagem à Jardelina da Silva” que origina minha pesquisa no programa Artes da Cena na Unicamp. Ao longo do texto o leitor conhecerá algumas *Letras (textos)* e imagens de Jardelina da Silva mesclados com uma breve memória do processo de criação e do encontro que tive com Jarda, como era carinhosamente chamada.

Palavras-chave: Escuta. Corpo. Vozes.

ABSTRACT

This text is a first experiment of writing of the scene “*boi bufo*”, a fragment that composes the show “Sobre letras e gritos para salvar o mundo, uma homenagem à Jardelina da Silva” that originates my research in the program Arts of the Scene in Unicamp. Along the text the reader will know some Letters (texts) and images of Jardelina mixed with an abbreviation memory of the creation process and of the encounter that I had with Jarda, as it was called affectionately.

Keywords: Listens. Body. Voices.

O CORPO DAS VOZES DE JARDELINA DA SILVA

A figura que me inquietou e ainda inquieta é Jardelina da Silva, uma mulher que tomei conhecimento no final da década de 90. Desde então, passei a pesquisa-la e comecei a investida na escuta de suas LETRAS¹. Neste período, ainda não tinha consciência que era propriamente uma pesquisa, mas eu a observava e acompanhava de longe. Sabia dela, ouvia muitas histórias a seu respeito, a princípio já tinha criado muitas imagens dessa figura. Uma mulher que contava histórias gritando pelas ruas de Bela Vista do Paraíso, uma cidade próxima a Londrina minha cidade natal localizada no Norte do Paraná.

- **Uma mulher Louca que costura e sai escrevendo nas paredes da cidade.**
- **Dizem por ai que ela é esquizofrênica, já foi internada muitas vezes.**
- **Essa mulher é uma artista, vocês tem que ver as fotos que ela tira depois de sair pela rua gritando.**
- **Ela sai pelada, ela sai pintada, ela sai gritando e falando besteiras, ela é uma Louca!**

¹ Jardelina dizia que tinha o dom da LETRAS, que a letra havia sido dada a ela por Jesus Cristo, Pedro Alvarez Cabral, Getúlio Vargas e outras vozes que habitavam Jardelina. Ela não sabia ler nem escrever, suas histórias todas, suas letras todas eram contadas para quem quisesse ouvir seja tomando um café, seja na rua quando ela saia para gritar ou em suas fotografias. Essas Letras são os principais motivos da minha pesquisa. Descobrir qual é a minha letra nessa escrita, mapear e dialogar com as Letras de Jarda.



“Ela usa batom, ela usa tudo quanto é tipo de pintura, ela tá sempre na moda. A moda dela é ela quem faz, eu nem sabia que essa cigana era eu”(Marie Claire, 1999)², a partir daqui todos os textos que estiverem entre aspas sem apontamento de referencia dizem respeito as letras de Jardelina da Silva, tambem tomei a liberdade de coloca-los em outra fonte.

Talvez em todas as cidades desse nosso Brasil exista alguma figura familiar a Jardelina, uma figura taxada por essas frases ordinárias que ouvimos daquela vizinha que se debruça no muro, dos mais desatentos e surdos, daqueles que ouvem falar e continuam a espalhar qualquer coisa, ou mesmo daqueles que olham e dizem: “Ixi, essa aí é Louca, tadinha!”.

Sim, Louca, outra lógica, desde a idade média aqueles que não se comportam ou tem alguma diferença do que é dito por quem diz é louco. Século XIX³ a loucura vira patologia, então o louco é louco definitivamente.

“Chamamos de loucos’, dirá Sauvages, ‘os que estão de fato privados da razão ou que persistem em algum erro notável; é esse erro constante da alma que se manifesta em sua imaginação, em seus juízos e em seus desejos, que constitui a natureza desta classe’. A Loucura começa ali onde se perturba e se obnubila o relacionamento entre o homem e a verdade. É a partir desse relacionamento, que a loucura assume seu sentido geral e suas formas particulares” (FOUCAULT, 2013 p. 241).

PRIMEIRO ENCONTRO – [DES] Norteando

Uma matéria de Jornal, um jornal da cidade de Londrina.

Domingo, 05 de setembro de 1999.

Chamada:

“Jardelina da Silva – Mulher que perambula pelas ruas de Bela Vista do Paraíso faz da “loucura” um veículo de criação. Estilismo, arte, performance, teatro, messianismo?” (Folha de Londrina, Rubens Pileggi Sa, Publicado em 5/9/1999).

Fiquei perplexa, estarrecida, curiosa e imediatamente me encantei por aquela figura de tantas figuras, já conhecia de orelhadas, mas agora eu a vi, finalmente!

Jardelina da Silva (1929-2004), brasileira, nascida no Sergipe, em Ribeirópolis, Cachoeira, se dizia “*da raça Nazaré por parte de pai, e rabo de nego capunga, mourão de ferro por parte de mãe*”, assim dizia ela nas entrevistas. A origem de sua história, segundo ela, era a de que havia nascido antes de Jesus Cristo; sua carne, afirmava, era de barro e seu sangue de índio. Carregava o mundo inteiro dentro do corpo. (Jardelina da Silva in Marie Claire, 1999)

São muitas as histórias e lendas espalhadas pela cidade de Bela Vista do Paraíso, onde Jarda, como era conhecida, viveu a maior parte de sua vida.

Jardelina tinha o dom das vozes proféticas, o dom de vesti-las.

² Usarei entre aspas os textos/LETRAS ditos por Jarda ao longo das entrevistas realizadas por mim alguns fragmento da entrevista concedida a revista Marie Claire em 1999 como consta nas referencias.

³ FOUCAULT, Michel. **História da loucura**: na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2013.



Escutava vozes, essas vozes eram muitas, “Zé Pelinto”, Pedro Alvares Cabral, Exu, Virgulino, Princesa Isabel, Pajé, “Janos Quadro” e outras mais, vozes que faziam parte da sua história. Passava da escuta dessas vozes à costura. Jarda tinha como profissão a costura e a partir desse seu ofício costurava roupas para vestir essas vozes. Da costura ao discurso gritado pelas ruas, quando terminava seu ponto ia para a rua da cidade gritar, denunciar violências que sofreu ao longo da vida e por fim, concluía seu ato com a fotografia. O que comumente se sabe de Jardelina está em seus muitos retratos e vestes.

O meu encontro direto, frente a frente com Jardelina se deu entre 2000 e 2004, e por horas ouvi histórias sobre sua origem, sobre suas peripécias, sobre as vozes, as invenções, os fatos. Parte dessas histórias registrei em áudios e outra grande parte do acervo que possuo, foi gentilmente cedida pelo artista e professor Rubens Pillegi que foi autor da primeira matéria que tive contato em 1999, e desde o início da década de 90 Rubens acompanhou e registrou Jardelina. Parte desse material serviu à produção de um vídeo documentário, intitulado “Eu Mesma” (2004) e é um dos raros registros disponíveis onde é possível ver e ouvir Jarda para além de seus retratos.

Jardelina começou a fotografar-se em meados 1986 no Foto Pan, um pequeno estúdio da cidade. Ela terminava suas roupas, saía à rua para gritar e finalizava no Foto Pan, onde dizia ao fotógrafo exatamente como deveria ser tirado o retrato e aí ele registrava tal qual ela queria, *“eu fui lá nas artes, não sabe? Eu sou vidente. Eu fui nas artes invisível. Tá tudo escrito lá essas letras tudo. Eu entro no retrato e assino o mundo”* (Jardelina da Silva in Marie Claire, 1999).

Assinar o mundo era como se fosse seu livro, era forma em que ela deixava seu legado, deixava escrita sua voz, suas vozes. Ela não sabia escrever e esse foi um dos motivos que lhe foi dada a letra para descobrir e dizer o mundo, o planeta e o Brasil. “eu só dou a letra para descobrir o resto do Brasil para um anjo puro e inocente que não sabe nem ler e nem escrever o seu nome”, ela dizia que esse dom tinha sido dado a ela por Pedro Alvares Cabral, uma das vozes que habitavam Jarda.

A partir das imagens, vozes e LETRAS de Jardelina naquele momento eu e mais um grupo de artistas nos reunimos e começamos um processo de criação com ela, de alguma forma não me sentia à vontade naquele processo. Em 2004 ela faleceu, saiu do trabalho. Todo o material que eu havia recolhido nos últimos quatro anos de sua vida permaneceu dentro de uma pasta. Fechei.

DEZ ANOS DEPOIS - NORTEANDO

No ano de 2014, aconteceu uma das edições do Vértice Brasil⁴ e eu nunca antes havia participado, então fui fuçar qual era a proposta do encontro. Eis que lá estava um grande encontro entre três figuras que já “namorava” de longe há bastante tempo, Ana Cristina Colla, Raquel Scotti Hirson e Naomi

⁴ De acordo com o seu site, o “Vértice Brasil tem como foco principal a discussão, o fomento e a realização de iniciativas artísticas e culturais que envolvam a produção cênica da mulher na contemporaneidade. Criado em 2008, o projeto faz parte do The Magdalena Project, uma rede internacional que conecta mulheres artistas de várias partes do mundo” (VÉRTICE BRASIL, 2015).



Silman⁵ pela primeira vez ministrando juntas um curso que se chamava “Devaneios da intimidade”, a idéia me lembro vagamente de quando li o programa com as informações das residências, era algo que partiríamos da CASA, nosso canto no mundo e como nos relacionamos, lembro que a proposta inicial era de trabalhar elementos do treinamento desenvolvidos por elas, pelo LUME Teatro combinados com o tema. Também recorro de algo que dizia sobre gavetas, segredos, memórias, metáforas que se referiam a descobertas e espaços guardados da casa corpo. Para isso deveríamos levar objetos, fotos, textos, roupas, livros e o que mais julgasse necessário ou que pudesse abrir alguma intimidade dessa casa – corpo.

Opetei em reabrir um material que estava guardado há exatos dez anos depois de ter “guardado” Jarda.

O material: uma pasta transparente, já amarelada dos dez anos de armário, elástico gasto, sem a elasticidade que deveria ter, o elástico todo esgarçado. Dentro muitas anotações de um encontro que aconteceu de 2000 a 2004, materiais de um processo de criação que ficou suspenso por não ter sido finalizado por mim, fotos, cartões postais, textos, transcrições, memórias e histórias de uma história que comecei a trilhar no ano de 2000 com essa senhora sergipana.

Esse curso foi o embrião que estabeleceu a parceria com Raquel Scotti Hirson, cuja continuidade e aprofundamento se deram em mais dois encontros, um em 2014 em mimesis corpórea⁶ e um em 2016 numa imersão para coletar material para a criação do espetáculo “Sobre Letras e Gritos para Salvar o Mundo, uma homenagem à Jardelina da Silva”, que teve sua estreia em 29 de outubro de 2016 em Bauru, São Paulo.

“Sobre letras e gritos” é um trabalho onde rememoro a experiência com Jarda a partir do processo de vestir e dançar as imagens e as vozes dessa mulher. Este trabalho ainda esta em processo e desmontagem para que os detalhes da ESCUTA sejam recriados e escritos assim como a lembrança das LETRAS de Jardelina, sendo este um trabalho que dedico a ela.

Em uma cena específica que compõe o trabalho “Sobre letras e gritos” investigo intimamente a voz de uma das gravações de um dos encontros com Jarda.

Foi meu primeiro encontro com a Mimesis da Palavra, um desdobramento da Mimesis Corpórea que se deu no doutoramento da pesquisadora e atriz Raquel Scotti Hirson: “palavra em ação pode conter todas

⁵ Ana Cristina Colla, Raquel Scotti Hirson e Naomi Silman são atrizes/pesquisadoras do Lume Teatro. Ana Cristina e Raquel são doutoras em Artes pela UNICAMP e integram o grupo desde 1993. Naomi graduou-se em artes cênicas em Londres, sua cidade natal, e faz parte do núcleo fixo do Lume desde 1997. O currículo das atrizes é repleto de espetáculos e performances coletivas, como “Parada de Rua”, dirigido por Kai Bredholt; “Shi-Zen, 7 cuias”, dirigido por Tadashi Endo; “Os Bem Intencionados”, direção de Grace Passô; além de espetáculos solos. Ana Cristina estreou em 2004 apresenta O Não-Lugar de Agada Tchainik”, solo de palhaça. Desenvolvem pesquisas na codificação, sistematização e teatralização de técnicas corpóreas e vocais não-interpretativas do ator dentro de três linhas mestras de trabalho: o Clown e a Utilização Cômica do Corpo, a Mimesis Corpórea e a Dança Pessoal, além do desenvolvimento de uma metodologia de treinamento técnico-corpóreo vocal cotidiano e a sua transmissão.

⁶ Mimesis Corpórea é uma das linhas mestras de pesquisa do Lume: consiste num processo de trabalho que se baseia na observação, codificação e posterior teatralização de ações físicas e vocais observadas no cotidiano, sejam elas oriundas de pessoas, animais, fotos ou imagens pictóricas. A mimesis corpórea vem sendo amplamente divulgada em forma de workshops, demonstrações técnicas, artigos e livros escritos pelos atores do Lume. (Hirson, 2012, p. 12)



as dimensões das conexões de imagens que detona e ainda as dimensões do corpo, jogando com espaço e tempo. A palavra poetizada sugere sons, tensões, ações que tomam outras formas e sugerem novas poesias quando Corporificadas” (HIRSON, 2012, p. 20).

O BOI BUFA

É árido. Seco no começo. E então as vozes começam a ecoar nos corredores. O pé afunda, enraíza na terra seca que precisa ser escavacada pelas raízes, se não afundar, dela nada voltará, pelo contrário, irá esvaír qualquer que seja o desejo ou o não desejo.

“O que vocês sabem eu não sei, e o que eu sei vocês não sabem.”

Eu penso que o corpo pode ser como uma língua que diz sem as palavras, a língua áspera que se articula, desarticula, seca, lambe, molha, dobra, sente os gostos, “cada palavra divide um pedaço do real na tua boca”⁷.

O boi bufa, o bode toca e a cabrita pula e afunda na terra seca.

O bufo, ação primeira, a voz de jardelina ecoa por todo o espaço. O grito ainda está guardado. O bufo é como se a respiração ficasse presa na boca, a língua relaxa e o calor toma conta, a saliva é quente. Ação segunda, como caminhar bufando? Apenas caminhar bufando. O centro do corpo ativo, as plantas dos pés tocam todo o chão, o olhar que começou com foco direto impulsionado pelo grito preso do bufo muda de direção e leva a cabeça para baixo concentrando uma tensão na nuca, um certo peso do mundo nas costas. Como se o mundo fosse desabar, para Jarda, o mundo desabou por riba dela pelos palavrão. Ação terceira, um chute, um coice

O dotô corta e o grito fica mudo. O coice anuncia, “que eu não tô mentindo. Porque o mundo desabou por riba d’eu pelos palavrão.”

Ela fala, eu danço a terra, a poeira, a encruzilhada.

Suas fotos estão guardadas na memória, a força de Virgulino concentrada no umbigo. O peso do mundo nas costas, o monumento⁸ língua que lambe. A acidez. A alcalinidade. O corpo fecha e abre numa constante tentativa de não se perder, a alegria angustiante de cada músculo daquela tensa risada presa por entre as pregas do corpo cansado.

Do bufo a gargalhada, o tapa. A buceta, a voz.

Os olhos de uma vaca parideira sedenta resiste. As lembranças de bode e da cabrita já pularam assim como uma juventude que desde sempre resoou sedenta. As rugas dos lábios seco, aquele fio de cabelo que se vê brilhoso no reflexo da luz quente, a voz seca. O grito.

“que eu não tô mentindo!”

Da imagem “risadinha”⁹ para “Virgulino e Maria Bonita” – olho de “não sei quem é eu” para entrar no corpo do riso que carrega a “risadinha” até ela extrapolar e ampliar na grande risada.

No dia em que desenhamos parte dessa estrutura o áudio estava em primeiro plano na escuta — as ações a partir da escuta dessa voz. Obviamente antes de chegar neste momento eu e Hirson dançamos, brigamos

⁷ Novarina, 2009 p. 15

⁸ Monumento diz respeito a um dos procedimentos de observação na Mimesis Corpórea.

⁹ Imagem risadinha é o nome de uma das fotografias de Jardelina que já tinha sido antes trabalhada a partir da observação em Mimesis Corpórea.



com olhares, ela me provocou com instabilidades na respiração, quebras no tempo, espreguiçamentos, pausas bruscas, me colocou para dançar, dançou junto comigo, me exauriu.

“Se eu perder um ponto, eu caio na morte e perco tudo, é por isso que eu faço. Sou de esquerda, sou de direita, quem ganhá vai pude usar fogo.”, isso quem disse foi Jardelina, mas toda vez que danço para e com ela experimento os fogos do fogo.

“Sou eu a Jardelina da Silva que despacho o mundo inteiro. E eu não to brincando. Porque esse planeta vai cair do mundo e desabar em cima d'eu pelos palavrão. Que os palavrão não tá com Jesus.

Todo mundo mete, pari!

Mas num dá a letra nosso senhor nem o padre. Até o padre que amarrou meu casamento com meu marido João Menez. Eu sou casada na igreja, católica, religiosa. Vai o padre tirou eu da igreja. Por que ele tirou eu da igreja?

Porque o mundo desabou por riba d'eu, caí no palavrão, meter, parir, produzi "fio". Essa letra não tá com Jesus. Jesus derrubou o mundo inteiro em riba d'eu que é o planeta. Que é pra eu dar essa voz do mundo, pra todo mundo saber que a salvação sabe o que é?

É parir!

Nosso senhor foi parido, pela Maria de Nazaré. Maria de Nazaré, ela "padiceu", ela teve o Diabo na buceta pra espremer aquele "fio" pra fora, pelo buraco da buceta dela. "Mema" coisa eu com meu primeiro "fio", José de Francisco de Menez que é o Gil. No jeito que a Maria de Nazaré pariu o "fio" a Jardelina também pariu.

Como é que agora não pode nosso senhor saber dessa letra?

Tá tudo escondida no padre essa letra. Tá escondida no doutor que é quem cuida das muié como eu, eu mesma ói, se fosse pra minha buceta voar, já tinha voado na mão do doutor.” (entrevista realizada por mim em 2001, trecho do áudio que danço neste fragmento)

São mais de 20 minutos de grito denunciando a surdes humana. O grito, a voz e o discurso fragmentado. Dessa mesma forma tenho organizado as ações como gritos que reverberam e ecoam no corpo e espaço, a fragmentação começa a desenhar uma possível dramaturgia oscilante nessa outra lógica proposta por Jardelina.

Pelos impulsos do grito começo aqui a trilhar uma investigação na escuta desse material que ficou tantos anos guardado em uma pasta e na minha memória; e começa a tomar corpo de talvez uma outra forma de pensar e olhar para a cena. A lógica desses discursos, ou talvez a dramaturgia do grito, das respirações, dos ruídos sejam os caminhos labirínticos e lógicas que tem norteado “Sobre letras e gritos para salvar o mundo”, o espaço que danço e me deixo criar pelos gritos de Jardelina. Eu, ela e nossas vozes se confluindo.



Referência bibliográfica

FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HIRSON, Raquel Scotti. *Tal qual apanhei do pé: uma atriz do Lume em pesquisa*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores/Fapesp, 2006.

_____. *Alphonsus de Guimaraens: Reconstruções da Memória e Recriações no Corpo*. Tese de Doutorado. Artes da Cena. Unicamp, 2012.

VIDEOGRAFIA

EU mesma. Direção: Cristiane Mesquita. Produção: Lucas Bambozzi e Rubens Pilegi Sá. Diphusa Digital, Londrina/PR, 2005.55,05 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SqAkxixstS0>

REVISTA:

Souza, Deborah de Paula. *Jardelina da Silva, Guardiã do mundo*. Marie Claire, 1999.

